

**VIVÊNCIA EDUCACIONAL COMO FACILITADOR DE METODOLOGIAS
ATIVAS NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DA VIGILÂNCIA
SANITÁRIA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NO AMAZONAS**

Raimundo Sidnei dos Santos Campos – Doutorando do PPGE/UFPB
Professor da Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Pedagogo da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas - FVS
E-mail: sydneycamposstm@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho consiste num relato de experiência em facilitação em Processos Educacionais na Saúde baseado em Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem. O objetivo é relatar a experiência vivenciada como facilitador no curso de Especialização em Gestão da Vigilância Sanitária em Manaus no Estado do Amazonas em 2013/2014. Busca-se refletir sobre os saberes necessários para mediação do processo ensino-aprendizagem nas atividades educacionais desenvolvidas presencialmente, nas comunidades de aprendizagem e na educação à distância, onde foi utilizado o recurso da plataforma interativa com espaço virtual de aprendizagem. O estudo é de cunho descritivo, do tipo relato de experiência numa perspectiva qualitativa. O curso foi oferecido na modalidade semipresencial, com encontros presenciais e virtuais, nos quais foram desenvolvidas atividades com orientação de facilitadores de aprendizagem, apoiados por gestores e coordenadores educacionais. Neste contexto, o processo é concebido como uma espiral construtivista e demonstra a importância das diferentes etapas educacionais como movimentos articulados e que se retroalimentam, conforme as necessidades de aprendizagem, com articulação entre a abordagem construtivista, a metodologia científica e a aprendizagem baseada em problemas. Essa prática pedagógica é feita de maneira compartilhada e dialógica, partindo do processamento de situações – problemas, elaboração de narrativas e construção de portfólios. Prioriza-se a integração entre teoria e prática, com enfoque interdisciplinar e multiprofissional para o desenvolvimento de capacidades necessárias para construção coletiva de processos de mudança na região de saúde. A adoção de metodologias ativas foi um caminho viável e apontou coerência entre a

proposta pedagógica e as exigências da formação profissional. Na problematização, a relação ação-reflexão-ação possibilitou experiências significativas com valorização do pensamento coletivo. As metodologias ativas associadas à metodologia da problematização potencializaram uma aprendizagem fecunda em termos de vivências significativas com reconhecimento de diferentes saberes necessários para uma boa atuação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Processos Educacionais em Saúde, Ensino-Aprendizagem, Metodologia Ativa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na descrição da vivência educacional como facilitador do curso de Especialização em Gestão da Vigilância Sanitária- GVISA que foi realizado nos anos de 2013 e 2014 em Manaus no Estado do Amazonas.

O curso foi uma iniciativa de apoio à vigilância sanitária para a qualificação de gestores e profissionais de saúde que atuam ou poderão vir a atuar como gestores nas três esferas de governo. Essa ação foi resultado da parceria entre o Ministério da Saúde- MS, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA, o Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde – CONASEMS, sendo executada pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa - IEP/HSL como um dos Projetos de Apoio ao Sistema Único de Saúde-SUS.

O produto esperado do curso foi a elaboração de projetos aplicativos para o enfrentamento das necessidades e problemas de vigilância sanitária em doze regiões do país, com prioridade na época para atender doze regiões, especialmente em função da preparação de cidades-sede para a realização de grandes eventos, como a Copa da FIFA.

O curso foi realizado na modalidade semipresencial, com encontros presenciais e virtuais, nos quais foram desenvolvidas atividades com orientação de facilitadores de aprendizagem, apoiados por gestores e coordenadores educacionais. O processo ensino aprendizagem se baseou na articulação entre as metodologias ativas com abordagem construtivista, a metodologia científica e a aprendizagem baseada em problemas.

Este relato será desenvolvido a partir do conjunto das experiências vividas como facilitador das metodologias ativas, procurando refletir sobre as ações educacionais.

Assim, falar sobre a nossa própria experiência é algo desafiador, pois nos torna vivos e concretos, ao passo que revela nossa própria identidade anunciando impressões, achados e feições do trabalho realizado.

A metodologia do relato é de cunho descritiva, do tipo relato de experiência com ênfase nos aspectos qualitativos. Destacaremos a relevância do uso de portfólios, narrativas e memorial como fonte das informações e reflexões aqui apresentadas.

O relato está constituído de três partes. A primeira parte enfoca o processo de facilitação pedagógica vivenciado nos Processos Educacionais na Saúde, situando as Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem. Em seguida, relataremos as experiências vivenciadas nos diferentes processos educativos do curso. E por fim, abordaremos o cotidiano das atividades educacionais permeado pelas metodologias ativas.

As metodologias ativas trabalhadas na formação do gestor da Vigilância Sanitária-VISA permitiu vivenciar a reflexão e a problematização da realidade desse setor com um novo olhar para a construção de práticas mais colaborativas e multiprofissionais.

1. LIÇÕES APRENDIDAS NA VIVÊNCIA EDUCACIONAL

As razões que me motivaram a atuar como facilitador do curso de Especialização em Gestão da Vigilância Sanitária-GVISA seu deu em decorrência de minha inserção na Fundação de Vigilância em Saúde do Estado do Amazonas-FVS, onde desenvolvo o trabalho de pedagogo no Núcleo de Educação em Saúde e Mobilização Social.

Minhas atividades profissionais estão relacionadas com ações e projetos de educação em saúde voltados para prevenção de doenças e promoção da saúde, principalmente através da formação de profissionais da saúde para realização de ações de educação em saúde em comunidades e grupos específicos. Tenho atuado também na articulação de núcleos e coordenações municipais de educação em saúde.

A participação como facilitador do curso GVISA possibilitou um aprendizado significativo e contribuiu na minha qualificação na área dos processos educacionais em saúde no contexto do SUS, principalmente na utilização de metodologias ativas e problematizadoras voltadas para ação nos processos educativos em saúde.

Partindo das expectativas do processo pedagógico mergulhei num universo de aprendizagens, conflitos, angústias e realizações no campo profissional e no

desenvolvimento pessoal. Um exercício contínuo e dinâmico de reflexão sobre a própria prática e de uma prática pedagógica reflexiva e propositiva.

Deparo-me com o fazer educacional da metodologia ativa no contexto de formação da vigilância sanitária, sem dúvida algo, no mínimo, instigante e desafiador. A vigilância sanitária vem na minha memória marcada por imagens desconcertantes fortemente associadas ao ato normativo e prescritivo.

A maioria dos alunos da turma do GVISA Manaus foi constituída por fiscais sanitários com muitos anos de experiência na área. Sem dúvida, meu chão começa a tremer e começo a me questionar como envolver profissionais, que na sua maioria, são tão técnicos e legalistas numa prática pedagógica essencialmente ativa e problematizadora.

Foi com essa percepção do processo ensino-aprendizagem que me motivei a compreender e vivenciar a prática do professor– facilitador. Em especial, quero destacar a sensação de incompletude do trabalho pedagógico realizado, que tem me motivado a repensar o meu próprio fazer educacional e as situações de aprendizagem que me deparo no cotidiano do meu trabalho como professor e pedagogo. Ao mesmo tempo, me vejo imerso numa reflexão sobre a minha própria prática e ensaiando novas práticas.

Essas novas práticas estão relacionadas com o agir e o pensar pedagógico, que se desdobra a partir da participação do que denomino ação facilitadora, a qual me instigou na troca de experiências e em novas possibilidades do fazer educativo.

Assim, para desenvolver a facilitação nas diferentes estratégias educacionais propostas articulei a metodologia ativa-participativa com princípios pedagógicos da educação popular freireana, conforme as orientações pedagógicas do curso.

Ao começar essa “aventura”, me refaço. Percebo que transmitir conhecimentos não era o foco para despertar as competências requeridas ao perfil profissional almejado no curso. A facilitação é uma ciranda, um eterno vir a ser, seja pela sua condição seja pela complexa teia de relações que se (des)(re)constrói o tempo todo.

Confesso que insistente e persistentemente fui ouvindo mais e falando menos, deixando que os profissionais da vigilância falassem, que expressassem suas percepções e compreensão dos temas abordados. Lentamente, a relação foi se naturalizando, os olhares não eram mais desconfiados, a escuta de cada especializando e a reflexão sobre suas falas, aprofundada. Por vezes, me perguntava, se eu estava realmente facilitando o processo.

Na verdade, começo a pensar numa pedagogia da facilitação, às vezes estou com a cabeça cheia de ideias e às vezes, nada me inspira. Não me preocupo se a resposta não chega, o importante é fazer a trilha se perguntando e se refazendo, tudo muito na “beleza de ser um eterno aprendiz”. Pimenta (2005) considera que os saberes são construídos no cotidiano do exercício docente e se resume na experiência e no conhecimento do saber pedagógico consolidando na ação, no qual a prática, não só é objeto de reflexão, como também é objeto de uma ressignificação.

Assim, compreender esse sentido de relação do que vivi como facilitador e fazer conexões com a docência me marca profundamente, seja pelo reconhecimento do meu crescimento como sujeito histórico, seja pelas dimensões epistemológicas associadas. Quanto mais e mais se mergulha nessa aventura de aprendizagem, tão bem galgamos e ressignificamos nossas atitudes pedagógicas e profissionais.

Essa experiência me levou a compreensão de que é necessário repensar nossos atos, deixando de lado os preconceitos com o novo e se permitir aos encantos e novos sabores do conhecimento e da experiência humana, ainda que a caminhada seja feita também de contradições e dissabores.

A atuação como facilitador serviu de inspiração de novas metodologias de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, estimulou o meu pensamento reflexivo, exigindo uma (re)(des) construção de saberes e práticas enquanto formador, que me permitiu desta forma, ser mais consciente do meu próprio desempenho diante de desafios e das dificuldades.

Esse processo foi marcado por rupturas e contradições, na medida em que vamos redefinindo a maneira de pensar e agir em sala de aula, uma condição essencial para desenvolver uma práxis comprometida.

O cerne da questão está no exame de nosso papel como formador em formação. As próprias bases teóricas assumem novas dimensões e a visão pedagógica vai sendo tecida numa práxis mais dialética e menos tecnicista.

O aprendizado é na sua essência um processo complexo, não acontece de forma linear, por acréscimo, de modo a somar alguns novos elementos ao que sabíamos antes. A compreensão da realidade, também é sustentada pela reflexão teórica, e isso é uma condição necessária para a prática transformadora.

As experiências vividas possibilitam uma avaliação do meu próprio desempenho profissional como educador e pedagogo. Enquanto profissional de educação, me sinto

autor e ao mesmo tempo ator de uma ação. É o ato de ser reflexivo que me capacita o pensamento e dá novos sentidos para minha práxis pedagógica.

Neste contexto, minhas percepções como docente foram redimensionadas numa perspectiva reconstrutiva, inventadas no diálogo e na produção de novos significados, feitas e refeitas na própria ação criadora, numa consciência ativa ao longo processo.

Recordo-me que foi necessário desafiar os especializandos a refletirem sobre suas práticas como profissionais da saúde, tendo como base o perfil de competências exigido para a qualificação do gestor, que está fundado em três eixos – gestão do risco sanitário, do trabalho e da educação. Isso permitiu que novos saberes fossem suscitados a partir da valorização das experiências vivenciadas no dia-a-dia do trabalho.

Um ponto que merece destaque foi o fato de que num primeiro momento os especializandos movidos mais por um pensamento mais prático e objetivo se sentiram estranhos e meios sem jeito na hora das reflexões sobre as suas próprias experiências. Aquilo me causou certa inquietude, perguntas do tipo: “quando vamos entrar no conteúdo?” apareceram nos primeiros encontros do grupo afinidade¹. Parecia que eles estavam ávidos de outro tipo de qualificação, talvez mais prescritiva e normativa. Eu sentia que eles não estavam a fim de refletir e nem falar de suas experiências, é como se elas não fossem relevantes para o contexto da formação que estavam iniciando.

Como educador em formação, inconcluso por natureza social e pedagógica, ainda que profissional atuante como pedagogo e docente, me sentia às vezes meio sem chão no exercício da facilitação e ao mesmo tempo, me via desafiado frente ao novo. Isso não significa dizer, que eu não soubesse o que estava fazendo. Na verdade eu estava me permitindo ao exercício do fazer reflexivo e da reflexão na ação.

Nessa atmosfera de ansiedades e receios, o novo era desconcertante e perturbador para todos nós e desestabiliza nosso porto seguro. Diria que a saída foi encontrada. Aos poucos fomos nos familiarizando e se permitindo às diversidades e novas experiências. Assim, na problematização, a relação ação-reflexão-ação possibilitou experiências significativas com valorização do pensamento coletivo.

¹ Grupo afinidade é a denominação dada a equipe formada por até 12 participantes com atuação/vinculação às ações ou aos serviços relacionados a um determinado contexto/foco de interesse. Cada um desses grupos era acompanhado pelo mesmo facilitador durante todo o curso de especialização. Nesse caso, o facilitador é o orientador do projeto aplicativo.

2. DO FASCÍNIO DE NOVAS TRAVESSIAS À DUREZA DO FAZER

A prática pedagógica vivenciada nas unidades educacionais foram desenvolvidas por relações significativas e ativas nas aulas a partir de TBLs² (Aprendizagem Baseada em Equipe ou team based learning) realizados por um especialista convidado pelo IEP para fazer a abordagem temática, que eram complementadas por outras atividades como debates, círculos de cultura, rodas de conversa, construção de portfólios, oficinas de trabalho, exibição de vídeo, dentre outras. Os TBLs se inseriam nas atividades dos grupos de trabalho denominados de equipes diversidades³.

Nessa relação o olhar do outro foi essencial para o olhar para nós mesmos, é claro que, aprendemos muito também na relação com o outro, tudo tão rápido e intenso, tudo tão (des)construtivo e, ao mesmo tempo, tão necessário para desfazer conhecimentos e práticas cristalizadas que são (re)produzidos sem o crivo da crítica e da autocrítica.

Retomemos o olhar para a prática pedagógica exercida pelo facilitador, aqui o meu eu, fala mais alto, se impondo ao meu eu docente, ao meu eu professor. Por outro lado, esse eu, é por excelência o aprendiz, o meu eu humano, que se permitiu fazer o percurso e aprender o caminho na própria travessia, no próprio caminho. Eis o encanto, que me provoca o fascínio.

Essa travessia também foi marcada pela insegurança, medo, angústia, mas ricas de conteúdo, de novos caminhos, sinalizando futuras travessias. Penso que o ser humano, não pode ser compreendido, se não como um ser de relações, inclusive de relações consigo mesmo. Estamos sempre em constante relação com o outro. Relações vivenciadas nas atividades desenvolvidas, nas experiências adquiridas enquanto educador, nas idas e vindas, com muitos obstáculos, mas também com muitas alegrias.

A prática pedagógica é tecida por esse ser humano. É feita muito mais de desejos, buscas, trocas e entregas. É feita através da “[...] experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios”. (NÓVOA, 2003, p. 5).

² TBL (Aprendizagem baseada em equipe ou team based learning) é uma estratégia dirigida para o desenvolvimento do domínio cognitivo, especialmente focalizado na resolução de problemas, e para a aprendizagem colaborativa entre participantes com distintos saberes e experiências.

³ Grupo diversidade/equipe: formado por 6 participantes cada, escolhidos de maneira a contemplar a maior diversidade possível de experiência prévia entre os inscritos no curso.

A prática pedagógica foi feita de maneira compartilhada, em diálogo profundo, na relação com os outros. Somos mais e aprendemos mais na interação e acompanhados um do outro e coletivamente. O facilitador não se faz sozinho debruçado sobre os livros ou consumindo as instruções contidas nos manuais do curso. Ele se faz primeiro, orientado pelos seus princípios, pela sua competência, que ao longo dos anos adquiriu pela sua experiência, ele se faz pela sua sensibilidade e pela sua beleza enquanto um ser aprendente.

Para mim, estar em contato com profissionais da área da saúde gerou um grande crescimento profissional enquanto pedagogo. Essa experiência toda com os diferentes profissionais com diferentes saberes e fazeres me fez crescer mais como pessoa e como profissional, pois, “ [...] não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais; a forma como cada um vive a profissão de professor é tão mais importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite [...] “ (NÓVOA, 1995, p. 33)

O ser humano é um ser extraordinário quando se permite aprender e o mais importante, admitir que sua natureza é inconclusa. Entretanto esse encanto, por vezes foi quebrado, seja pelas dificuldades do pleno exercício da facilitação, seja pelo o que eu vou denominar de tropeços gerados por constantes ameaças ao equilíbrio das relações que eram comprometidas, na maioria das vezes, por razões alheias a nossa vontade.

Eis aí, o território da dureza, pois facilitar requer paciência pedagógica, requer compreensão das dificuldades e limitações. Requer profissionalismo e competência pedagógica para lidar de maneira inteligente com os desafios impostos à prática pedagógica, como por exemplo, diante dos TBL's que não aconteciam por problemas de conectividade da internet. Nesses momentos, era preciso ter uma carta na manga, fruto não do improviso, mas do planejamento, capaz de prevê essas ocorrências.

Outros episódios também caracterizaram bem essa dureza do trabalho pedagógico, quando na verdade alguns especializando não se envolviam no processo e deixavam as coisas acontecerem de qualquer jeito. Ficava perguntando, de que maneira podem transformar as práticas de gestão da vigilância sanitária se não querem se dar ao trabalho de aprender novos caminhos e agregar novos valores à sua prática profissional?

Outras passagens dessa dureza foram vivenciadas nas ações de orientação para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC e do Projeto Aplicativo, assunto que adiante refletirei com mais atenção.

A dureza revela também fascínios, ou vocês pensavam que não? O diamante, que é uma pedra muito preciosa, não se faz bela e reluzente, antes de ser esculpida em cada detalhe. A dureza não é um muro intransponível ou um código indecifrável, mas sim as saídas sutis e sábias para enfrentar os desafios impostos ao exercício da facilitação, e isso, por si só já nos impulsiona a pensar novas ferramentas.

A dureza é também pisar descalço em espinhos afiados. Dizendo de outra maneira, a dureza se revelou no descontentamento dos especializandos pelas dificuldades de vídeo transmissão, pela decepção quando um especialista⁴ não conseguia ser bom suficiente para agradar o ego acadêmico dos mais exigentes, que muitas vezes esperavam uma demonstração impecável de conhecimentos, um tsunami de receitas infalíveis para os seus problemas enquanto profissionais da saúde. Na verdade vejo que a dureza carrega consigo a sua leveza, tudo vai depender de quem e como se encara o problema, depende muito do grau de exigência e da sensibilidade do sujeito que pratica a ação.

Todo fazer tem um pensar, toda prática tem ou pelo menos deveria ter sua teoria, teoria aqui entendida como pensamento elaborado. Isso remete a pensar em princípios pedagógicos necessários para orientar a facilitação pedagógica, aliviando a dureza, criando um referencial para essa prática, gerando um fascínio, criando travessias. Parte significativa desse fascínio para mim pode ser explicada por que o curso se baseou em metodologias ativas e participativas.

Partindo dessa compreensão, vivemos dimensões delicadas e sutis em diferentes trocas de experiências, na valorização do eu, na escuta da proposta do outro e na construção coletiva. Assim, percebi muita sensibilidade nos nossos encontros que a meu ver, conseguiram superar a dureza do fazer, fazendo muitas travessias exitosas.

Não dá só pra falar em travessias, melhor mesmo é vivê-las intensamente. A travessia aqui representa não necessariamente a passagem de um ponto para o outro, mas em si, é a própria caminhada feita por todos, com suas experiências, com sua bagagem.

Uma travessia muito significativa para mim foi o movimento dialógico intenso entre o mundo da docência vivido e o universo da facilitação, um imbricado no outro. Essa travessia inconclusa pela sua própria natureza foi marcada por um diálogo conflitante entre

⁴ Os especialistas eram os profissionais convidados para abordar as temáticas dos encontros das equipes diversidades.

a formação acadêmica e o exercício da profissão. Tantas travessias, durezas e fascínios nesse ofício de ser mestre e de ser pedagogo. A travessia é encanto, é magia, tem seus mistérios, tem sua lógica. A travessia é feita de experiências, mas também de descobertas, é feita de relações e de sensibilidades, de ética também, pois é preciso saber os caminhos que nos conduzem e para onde estamos indo.

A travessia é aproximação, é conhecer saberes diferentes, é reinventar nossas práticas, o que constitui a dureza para alguns educadores-facilitadores, acostumados a tornar a facilitação um ato mecânico e amorfo. O facilitador não substitui, nem ocupa o lugar dos educandos, mas senta com eles na roda de conversa, e anima situações de aprendizagem, se faz presente e não ausente do processo, tornando-se um mero figurinista uma máquina robótica, sem sentimentos, sem valores e sem propósitos. É assim que me vejo com o facilitador, um ser integrado, comprometido, ético e político, capaz de não falar uma palavra, mas de (des)(re)construir atos e novas práticas.

Outro aspecto a ressaltar é que o facilitador também não pode se esconder por traz da metodologia ativa e usar o discurso argumentativo, que ele não pode participar. Afinal, o que é participar? A metodologia ativa não reservou um lugar ativo para o aluno e um passivo para o professor, não inverteu essa lógica, ambos se fazem ativos sem sobrepujar o saber um do outro. É a partir dessa compreensão, que me vejo como facilitador. Um ser ativo e participativo num ambiente dialógico de aprendizagem. Um maestro que rege uma sinfonia, mas que sem sinfonia, não há o que reger.

O facilitador não pode ignorar a si mesmo e fingir que nada sabe, é sujeito ativo e carrega sua história, seus saberes, por essa razão, não pode se anular no processo. Por outro lado, não pode ser o centro das atenções e das atenções pedagógicas. Não pode ser estranho aos processos educacionais que estão sendo concretizados no ambiente de aprendizagem. Essa é uma das faces dessa dureza que justifica o tema em discussão, o facilitador não pode ficar a margem das discussões, precisa se fazer presente no acompanhamento pedagógico, não pode fugir do grupo, não pode se negar a coordenar e fazer a gestão pedagógica do ambiente de aprendizagem. O facilitador não pode se proteger entre as aspas, precisa ser sujeito pedagógico capaz de conviver com outros sujeitos que sabe que possuem experiências e saberes válidos.

Percebi nessa travessia que num primeiro momento os caminhos podem ser tortos e difíceis, mas, ao longo do percurso, podem ser contornados. A travessia não é tão

simples, não é só fascínio, tem sua dureza também, pois é preciso se permitir a fazer a travessia, se permitir, mergulhar num universos de novos conceitos, ideias, modos de fazer. É se permitir fazer a escuta sensível.

3. O COTIDIANO DA FACILITAÇÃO

Procurei escrever essa parte com mais liberdade e leveza, deixando as ideias simplesmente fluírem, é como se fosse passando um filme na minha cabeça e aí vou escrevendo com muitos sentidos e significados, tudo para não deixar de saborear cada instante, cada momento, cada parte, cada cena, tudo muito singular e sensível.

Cada *cena*⁵ carrega o intrínseco, o elemento que junta muitas partes aparentemente sem vínculos, mas que com o tempo ganha forma, ganha direção, se transforma em *atos*⁶. Esses atos, por sua vez, potencializam novas relações humanas, ressignificando a nossa profissão, produzindo novos acolhimentos, alimentando novas ideias, novos projetos, gente com vontade de ousar fazer no mínimo diferente de outrora. É claro que nessa dinâmica nós nos fortalecemos e nos reconstruímos.

Assim, não tão rápido, pois tudo tem seu tempo, vamos desapegando das imagens do passado, da imagem de si mesmo, como profissionais de saúde que precisam se libertar dos modelos impostos, das convenções limitadoras. E nessa busca, se encontram e se refazem, mesmo nas rupturas e nos conflitos. Faço uso desses termos conhecidos dos profissionais de teatro e popularizados pela televisão e cinema para melhor expressar minha compreensão de maneira mais sutil e menos densa.

Nesta perspectiva me vem à mente, a imagem de um SUS diferente e mais universal, de uma VISA mais dialógica, mais educadora, de um fiscal de saúde mais ativo e propositivo. Imagens que foram sendo construídas não só no meu imaginário, mas na

⁵ Cena: s.f. Parte do teatro em que os atores representam; a própria ação ou representação teatral. (Dicionário Online de Português. www.dicio.com.br/cena/). No contexto desse relato, o termo *Cena* significa a ação ou o momento em que os diferentes sujeitos realizam seus papéis nas atividades de ensino aprendizagem orientados pelas metodologias do curso. A ideia surgiu pelo fato da pluralidade de atividades pedagógicas e estratégias de ensino presencial e a distância utilizadas: TBL, cine viagem, oficinas de trabalho, círculo de cultura, portfólio, dentre outras. Essas atividades foram desenvolvidas em diferentes cenários e com formas específicas de agrupamento dos educandos, a saber: equipe diversidade e grupo afinidade.

⁶ Os *Atos* nesse texto representam uma série de cenas interligadas. (Dicionário Online de Português. www.dicio.com.br/ato/)

concretude das relações vividas, seja na elaboração das intervenções preconizadas pelos projetos, seja pelas novas imagens que permearam o cotidiano dos nossos encontros.

Parece que as palavras colocadas assim não fazem sentido algum. Na verdade para mim faz muito sentido. O sentido do meu aprendizado. A ideia é essa mesmo, quero ir me movendo e brincando com as palavras, com liberdade e reflexividade, tudo do meu jeito, e no meu ritmo. Não precisa fazer sentido algum, é apenas o meu jeito, o meu tom de aprender, a minha captação das relações, do cotidiano pedagógico vivido.

Isso me parece ser a vitalidade da aprendizagem quando se torna significativa em diferentes cenários, mas quero ser mais específico agora, pois esse grande cenário conhecido como sala de aula, talvez não mais de aula, talvez sala de aprendizagem, por que não dizer, ambientes de aprendizagem, espaços de encontros e desencontros, de conflitos, mas também de esperança e de rabiscos de um mundo melhor.

Nesse momento relembro o poeta Manoel de Barros⁷ no *cine viagem*⁸ quando brincava com as palavras, reinventando sentidos e criando cenários de criatividade, se encastelando no seu próprio jeito de expressar a natureza, as coisas, as palavras, as pessoas, em fim o que ele julgava adequado, coisas de um homem que soube como usar as palavras sem ferir ninguém e encantar a todos com sua criatividade e poesia. Falando de cine viagem, como foi rica essa ideia, como mobilizou os especializandos suavizando os encontros em meio ao stress e a correria do dia-a-dia, sem descuidar da intencionalidade educacional prevista para cada encontro.

Por outro lado também, falo de um cenário real, concreto, do cotidiano, caracterizado por disputa de poder, de saberes instituídos, de práticas dominantes, onde também o novo e a inovação são rechaçados. Afinal, é nesse cenário que acontece o movimento das ações, é nele também o cenário onde a cena se configura e acontece.

Falo de um cenário contextualizado, de um cenário de sujeitos envolvidos, em ação contínua e intenso movimento. Procuro entender esse processo como facilitador de

⁷ Manoel de Barros é um poeta brasileiro do século XX. Recebeu vários prêmios literários, entre eles, dois Prêmios Jabutis. Em uma das atividades assistimos no cine viagem um documentário sobre o poeta intitulado: “Só Dez Por Cento é Mentira”. O filme constrói um painel revelador da linguagem do poeta, considerado o mais inovador em língua portuguesa. Seu título refere-se a uma frase de Manoel: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”.

⁸ Cine viagem: atividade que consistia na exibição de vídeos como filmes e documentários. A estratégia foi utilizada nos grupos afinidades para realizar debates e reflexões sobre variados temas relacionados com as unidades educacionais do curso GVISA.

uma aprendizagem, na medida em que me sinto desafiado e, por conseguinte, desafio também os educandos a rever os conceitos já aprendidos. Isso significa dizer que quanto mais sabemos, mais temos condições de aprender. A aprendizagem não pode ser tolhida, tem que ser estimulada e enriquecida.

Lembro-me de alguns momentos de onde estávamos realizando o processamento de situações problemas⁹ em que os especializandos ficavam um olhando pro outro sem esboçar uma reação se quer, sem saber ao certo o que dizerem, quando eu sempre procurava perguntar de maneiras diferentes, usar vocábulos os mais diversos na tentativa de provocar um efeito reativo da parte deles, e na maioria das vezes, eu conseguia e o debate se acirrava, fazendo com que eu intervisse para eles relembrem os pactos, com o objetivo de administrar o tempo para democratizar as participações.

Entre tantos cenários e vivências no processo educativo do curso passo a refletir sobre a estratégia de TBL, que para o seu desenvolvimento sempre o IEP apresentava um profissional especialista em determinada área como convidado para expor uma temática amiúde e interagir com as regiões de saúde tão diversas e complexas.

Foram momentos ricos do ponto de vista temático, mas que nem sempre alcançou os objetivos educacionais propostos. Em alguns episódios, acabou tendo um efeito negativo por conta da falta de interação dos especializandos com o especialista ou também pelos problemas de transmissão local e nacional, o que causava desmotivação.

Mas o ponto que quero salientar perpassa não por quem foram esses especialistas, até por que a natureza desse relato não tem esse viés, considerando que maioria foram excelentes conferencistas e expositores dos temas encomendados. Quero refletir sim sobre o sentido da especialização no contexto dos saberes para a formação em VISA.

Vivemos num mundo de extrema especialização do saber humano decorrente dos avanços da produção do conhecimento em diferentes áreas da ciência. Mesmo reconhecendo os avanços trazidos pelo conhecimento especializado não podemos deixar de refletir criticamente sobre esse processo, considerando o fato de que o conhecimento acaba se fechando num mundo a parte, muitas vezes encastelado. Não estamos negando a

⁹ A identificação do problema, a partir de um estímulo educacional, permite que cada participante explicita suas ideias, percepções, sentimentos e valores prévios, trazendo à tona os fenômenos e evidências que já conhece e que podem ser utilizados para melhor explicar uma determinada situação.

importância do saber especializado nem fazendo um discurso apologético ao generalismo acadêmico, longe de mim essa maneira de pensar.

É obvio que *o especialista nem tudo sabe*, nem deveria, até por que quanto mais se sabe, se sabe cada vez mais sobre cada vez menos, sabe sobre uma parte do todo. No contexto das atividades decorrentes dos TBL's a sensação que ficou para mim é que o conhecimento é determinado pelo diálogo inteligente entre as áreas.

O *TBL* para mim foi uma experiência pedagógica significativa, pelo fato de ter propiciado novas reflexões e o contato com a metodologia em si, o que agregou novos elementos teórico-práticos à minha formação profissional.

Considerando agora, os encontros de *equipes diversidades* e *grupos afinidades* tudo foi muito intenso para mim, porque eu vivi cada momento com muita dedicação, mesmo nas minhas limitações, foi um exercício único que despertou em mim antigos projetos adormecidos.

O que me motivou a novos recomeços foi o exercício da escrita provocados pelos *portfólios* ainda no curso de formação de facilitadores. Esse curso foi divisor de águas pois me provocou a libertar alguém esquecido dentro de mim mesmo, me animou com amorosidade a novos sonhos e novas tentativas. Por isso, acabei problematizando a minha própria situação e trazendo mais motivação. Isso me fez mais vivo e sonhador, causou uma alegria e felicidade enorme para mim. A ação de problematizar em Paulo Freire (1991, 2003) impõe ênfase no sujeito, ao problematizar o mundo, esse sujeito se problematiza e também se transforma na ação de problematizar e passa a detectar os problemas da sua realidade.

Assim, a ampliação do olhar para si mesmo é um ato pedagógico que acontece na ação-reflexão-ação e no desenvolvimento de uma consciência crítica. Quando a gente aprende a aprender, tudo fica mais fácil, pois educar-se é um ato de afeto consigo mesmo. É claro que, reconheço que esse movimento não faço sozinho, ele se faz com o outro e de maneira compartilhada, pois convivemos e nos fazemos vivendo em comunidade e em contínuas redes de aprendizagem e de afetos.

Os encontros reservados aos grupos afinidade foi um dos meus momentos mais preferidos, acho que tudo ali fazia sentido. Foi muito mais proximal e grupal, todos olhando uns para os outros não tem como fugir do sentido da grupalidade e do fazer coletivo.

O processo de orientação de trabalhos acadêmicos como o TCC¹⁰ e os PA's¹¹ foram momentos ricos e considerados mágicos para mim, nem por isso marcados repleto de angústia e alegrias. Uma relação muito complexa, que exigiu firmeza e profissionalismo de quem orienta, de quem mostra caminhos e possibilidades, mas sem subtrair os valores e autonomias dos orientandos. Na verdade orientar uma área da qual você não é especialista por si só já é um grande desafio, contudo uma realidade possível e muito prazerosa.

Em termos legais, a Vigilância Sanitária, considerada uma área da saúde pública, talvez pela sua própria prática fundada num rol de legislações com seus conceitos complexos e uma gama de competências que cercam suas atividades é vista por grande parcela da sociedade como atividade burocrática, normativa e tecnicista, sem muita prática de educação em saúde ou outras estratégias mais comunicativas e menos punitivas.

A missão não era fácil. Pensei bem, que eu não era especialista em VISA nem em metodologia ativa isso era óbvio, contudo sou professor e sempre no cotidiano do meu trabalho como docente me afastei ao máximo da centralidade e sempre procurei construir e reafirmar a importância do trabalho colaborativo e do diálogo em sala de aula, criando e organizando um ambiente de aprendizagem aberto ao debate e a valorização da experiência e dos conhecimentos do aluno, concebendo-o como sujeito autônomo e histórico que carrega consigo experiências e práticas diversas.

Os profissionais do SUS que atuam em VISA desempenham um relevante trabalho para a sociedade. Logo, necessitam de atualização e formação permanente para exercer de maneira competente suas atribuições. Precisam apreender a aprender e se adequar a uma mentalidade mais condizente com as políticas atuais, o que poderá resultar na eficiência e eficácia dos serviços e produzir ações mais inteligentes e efetivas.

Outra discussão importante nessa perspectiva de análise deve ser dada a ausência ou insuficiente adoção de estratégias comunicativas e de educação em saúde na área de vigilância sanitária, seja pela falta de qualificação profissional dos fiscais sanitários nessa área, seja também, pela falta de iniciativas e apoio da gestão.

¹⁰ O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi constituído pelo conjunto dos portfólios elaborados ao longo do curso e pela síntese reflexiva dos encontros vivenciados, tendo um foco temático específico num tema de maior amadurecimento e interesse do especializando.

¹¹ O Projeto Aplicativo se constituiu numa proposta de intervenção coletiva negociada com os gestores locais, sendo elaborada por cada grupo afinidade.

Observei durante os debates nos encontros e nas oficinas de trabalho que as atividades elaboradas nas equipes diversidades e nos grupos afinidades que eu facilitava raramente agregavam ideias de educação em saúde nas estratégias pensadas, exceto a atividade direcionada para esse fim que abordou a temática da Comunicação em VISA. Os processos de trabalho idealizados não levavam em consideração as abordagens como um saber e uma prática necessária nos serviços de vigilância sanitária. A meu ver, estavam condicionados a buscar soluções para a minimização dos problemas numa lógica imediatista e em curto prazo, centrados apenas na inspiração legal e no poder de polícia.

O que observei é que predominantemente a gestão da vigilância sanitária estava focada em práticas coercitivas e imediatistas, estava centrada em resolver os problemas pontuais, sem levar em consideração o contexto social e cultural da população, ignorando as relações políticas e econômicas que se estabelecem no seio da sociedade.

Essa percepção inicial foi aos poucos cedendo lugar para diversos olhares e outras interpretações, do tipo, *“sabemos que educação em saúde é importante, mas é preciso tempo e isso, não dispomos, somos poucos e muitas demandas [...]”*. Sem dúvida, algo que revelava as contradições e descrença, uma visão compartilhada por muitos. A leitura que eu fazia naquele momento é de que não estavam satisfeitos também com os resultados do seu trabalho, porém, envolvia uma questão de gestão, que tinha a clareza não ser participativa, mas sim verticalizada, os fiscais, pouco ou quase nada opinam, são cumpridores de escalas e tarefas, assoberbados de trabalho correndo de um lado para outro, apagando incêndio, sem estratégias de médio e longo prazos, sem nenhum planejamento com princípios estratégicos e leitura de cenários. Pareciam serviçais incapazes de propor também e de negociar outras metodologias facilitadoras. É claro precisavam abrir a caixa preta e ver o que estava escondido.

Durante a construção do PA, apesar de estarem engajados nos grupos afinidades, foram muitas as diversidades vivenciadas por todos. Ideias se chocaram, mas também se entrelaçavam nos calorosos debates para definir o campo de aplicação dos projetos. A princípio, houve certa insegurança da minha parte nesse processo de orientação. Ficava pensando será que vou conseguir? Essa gente sabe muito e mais.

Entretanto, a dinâmica da facilitação me ensinou que o papel do facilitador não é ter as respostas prontas, mas sim ter habilidades comunicativas bem desenvolvidas para ser

capaz de envolver a todos e aguçar a curiosidade, ser capaz de aparecer sem apagar ninguém, brilhar sem ofuscar, responder perguntando e perguntar para responder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência como facilitador de metodologias ativas despertou a necessidade de aprimoramento enquanto profissional da educação que precisa rever continuamente sua prática e ampliar seus conhecimentos, dialogando com as exigências do processo de ensino aprendizagem do tempo presente.

O contato com a metodologia ativa possibilitou vivenciar experiências significativas e a refletir criticamente sobre o processo de aprendizagem em vários aspectos e de maneira contextualizada e dialógica.

O processo vivenciado reforçou minha convicção de que as metodologias ativas e participativas são apropriadas para o desenvolvimento das competências técnicas e profissionais, atitudes capazes de romper com a rotina de aulas monótonas e sem vida.

Os temas abordados no curso foram muito pertinentes para formar o gestor em vigilância sanitária a partir de um perfil de competências mais adequado para a realidade das regiões de saúde no SUS.

A adoção de metodologias ativas foi um caminho viável e apontou coerência entre a proposta pedagógica e as exigências da formação profissional. Portanto, as metodologias ativas associadas à metodologia da problematização potencializaram uma aprendizagem fecunda em termos de vivências significativas com reconhecimento de diferentes saberes necessários para uma boa atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Curso de especialização em processos educacionais na saúde: com ênfase em facilitação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem / Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa; Ministério da Saúde; Conselho Nacional de Secretários de Saúde; Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde; Fundação Dom Cabral. -- São Paulo, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LIMA, Valéria Vernashi Lima et al. **Processos Educacionais na Saúde**. São Paulo: Instituto Sírio - Libanês de Ensino e Pesquisa; Ministério da Saúde, 2013. (Gestão Clínica do SUS)

MITRE, Sandra Minardi e outros. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13 (Sup 2), 2008. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v13s2/v13s2a18.pdf>>. Acesso em 25 de junho de 2014.

MITRE,S.M.; SIQUEIRA-BATISTA, R.; GIRARDI-DE-MENDONÇA, J.M.; MORAIS-PINTO. **Metodologias ativas no ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais.**; *Ciência & Saúde Coletiva*; 13 (Sup2): ; 2133-2144; 2008.

NÓVOA, A. **Os professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **Novas disposições dos professores: A escola como lugar da formação;** Adaptação de uma conferência proferida no II Congresso de Educação do Marista de Salvador (Baía, Brasil), em Julho de 2003. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/685/1/21205_ce.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2011.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRADO, Marta Lenise do et al. **Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde.***Esc. Anna Nery* [online]. 2012, vol.16, n.1, pp. 172-177. ISSN 1414-8145.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo and SIQUEIRA-BATISTA, Romulo. **Os anéis da serpente: a aprendizagem baseada em problemas e as sociedades de controle.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2009, vol.14, n.4, pp. 1183-1192. ISSN 1413-8123.